

## **Falas escritas no papel: entrevistas no Pântano do Sul (Florianópolis/SC 1970-1980)**

Mariane Martins<sup>1</sup>

**Resumo:** Entende-se que entrevistas transcritas são objetos portadores de cultura escrita, são falas captadas e transportadas para o suporte escrito. Desta forma recorre-se a análise de dez entrevistas de moradores (homens e mulheres) da comunidade do Pântano do Sul, situada a 27 km da cidade de Florianópolis/SC. Como objeto de reflexão e investigação, pretende-se analisar, o suporte, a sua produção e as maneiras como se dão a ler tais entrevistas, a partir de seus discursos e as representações que se perenizaram pela escrita. Tal material foi produzido no ano de 1985 por alunos do curso de pós-graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina, sob a orientação do professor Carlos Humberto Correa. A leitura dessas falas, impressas em suporte de papel, por meio da escrita, também permitem analisar alguns aspectos sobre o bairro e as transformações sentidas pelos moradores, haja vista as mudanças estruturais e culturais presentes em Florianópolis a partir de 1970, momento conhecido como o de modernização da cidade. Em razão do recorte temporal (décadas de 70 e 80) e por apoiar-se no recurso da história oral como documento o presente trabalho tem seu arcabouço nas perspectivas da História do Tempo Presente.

**Palavras-chave:** História do tempo presente, cultura escrita, Pântano do Sul.

A passagem de um suporte ao outro, de uns utensílios a outros, de uma técnica de execução a outra, ou o uso desta ou daquela disposição gráfica, não podem ser consideradas simples mudanças técnicas, pois afetam a todos desde o leitor ao autor e os contextos, meios e finalidades. (VINÃO FRAGO, 2001, p. 34)

Partindo desta premissa, o presente artigo busca analisar entrevistas transcritas de moradores do bairro do Pântano do Sul em Florianópolis. Entende-se, ainda amparada pela citação acima, que a mudança de suporte, do oral para o escrito, não é algo simples e envolve expressivas alterações, não significando a perda de sua importância para uma pesquisa. As entrevistas transcritas aqui analisadas são entendidas como objetos portadores de cultura escrita, são falas captadas e transportadas para o suporte escrito.

A cultura escrita é compreendida aqui como uma acepção antropológica, ou seja, é o lugar-simbólico e material que o escrito ocupa em/para determinado grupo social, comunidade ou sociedade (GALVÃO, 2010, 218). Antonio Castillo Gómez (2012, p. 67) aponta o método da cultura escrita:

---

<sup>1</sup> Mestranda em história, pela Universidade do Estado de Santa Catarina, bolsista CAPES. E-mail: marianeh3@hotmail.com. O presente artigo é um recorte da pesquisa de mestrado intitulada: “Experiências do Presente e Expectativas de Futuro: Patrimônios Imateriais no Pântano do Sul (Década de 1970-2013)” sob a orientação da Professora Dra Maria Teresa Santos Cunha.

requer a análise dos testemunhos escritos, quaisquer que sejam, escolares ou não, nas coordenadas que definem as distintas sociedades em que eles se produzem, circulam e utilizam, formadas sempre por pessoas alfabetizadas, semialfabetizadas ou analfabetas, de distintas idades, gênero, classe, etnia ou grupo social

Sendo assim, ampara-se nos estudos da cultura escrita para o manuseio com esses documentos para aprofundar sobre suas possibilidades de pesquisa, bem como perscrutar o que essas falas escritas no papel carregam sobre o bairro.

Utiliza-se como metodologia a história oral para encaminhar as análises das entrevistas em diálogo com história do tempo presente. Esses vestígios orais, falas escritas no papel, comportam pontos em comum que ligam os moradores do Pântano do Sul.

### **Um passeio pelo Pântano do Sul**

Localizado a vinte e sete quilômetros da região central de Florianópolis, o bairro do Pântano do Sul, conhecido também como uma colônia de pescadores, apresenta hoje cerca de cinco mil e oitocentos<sup>2</sup> moradores. Conforme Nereu do Vale Pereira (1963) por meio da lei municipal nº531, de 04 de dezembro de 1962, o Pântano do Sul foi elevado a categoria de Distrito.

Quem observa observar a dinâmica do bairro se depara com um ambiente bastante distinto daquele próximo ao perímetro urbano de Florianópolis. No meio das ruas veem-se pessoas caminhando, andando de bicicleta, dividindo o espaço com os poucos carros que ali circulam. Senhoras na janela observando e cumprimentando quem passa na rua.

Na parte central do bairro, na rua Abelardo Otacílio Gomes – conhecida como “Rua Geral” – se acha uma pequena escola estadual – Escola de Educação Básica Severo Honorato da Costa, com quatro salas de aula. Ao da escola está o novo Posto de Saúde e em frente a este, do outro lado da rua a Igreja – Capela de São Pedro – com uma praça, esta bastante frequentada por senhoras mais idosas que ficam ali boa parte da tarde.

Caminhando mais um pouco deparamos com a praia, do lado direito encontra-se um dos restaurantes mais famosos da ilha, o bar do Arante, conhecido por seus inúmeros bilhetes deixados por pessoas de inúmeros lugares nas paredes. Neste mesmo bar é possível encontrar,

---

<sup>2</sup> Informações coletadas do levantamento da Dinâmica Demográfica do Bairros realizada pela Prefeitura de Florianópolis em 2007. Disponível em: [http://www.cmf.sc.gov.br/contratos/doc\\_download/6906-anexo-a-dinamica-demografica](http://www.cmf.sc.gov.br/contratos/doc_download/6906-anexo-a-dinamica-demografica).

na entrada lateral, homens, muitos pescadores, bebendo e conversando. O bar é um ponto de encontro da localidade, um espaço de sociabilidade.

A praia, exceto na alta temporada e em dias ensolarados nos finais de semana, permanece quase vazia, dominada pelos barcos, pescadores, gaivotas e urubus. A água do mar chama a atenção por sua cor azulada e muito gelada. No canto esquerdo há o um morro e o “Costão”, local repleto de pedras que abriga algumas casas. Ali no morro se acha o cemitério do bairro, detentor de uma das mais belas vistas da praia do Pântano do Sul.

Os moradores do Pântano do Sul, em especial os “nativos”<sup>3</sup>, andam pelas ruas sem preocupação, se cumprimentam, falam – com um léxico bastante característico – alto nas ruas, se visitam sem anunciar, passam horas na janela observando quem passa, vão à missa aos domingos, compram fiado no mercado... Enfim, vive ainda muito daquilo que Florianópolis viveu um dia, no entanto já escasso em boa parte da ilha... Alguns aspectos acabam por evocar uma Florianópolis das primeiras décadas do século XX, “a convivência do moderno com o antigo, de velhas ruelas e becos estreitos, com mulheres nas janelas e homens na soleira das portas dos sobrados” (CUNHA, 2011, p. 12).

O Pântano do Sul se encaixa naquilo que Lucena notou em seu estudo sobre migrantes mineiros em São Paulo,

Ao se levar em conta o passado colonial, vê-se que a família brasileira se apresenta com uma estrutura patriarcal, rural e de acentuada dominância na vida social. A família e a vizinhança são o núcleo de identificação, a grande família no mundo rural se estende pela vizinhança, formando um grupo aparentado. (LUCENA, 1998, p. 402)

É possível visualizar nesta afirmação a própria configuração do bairro, haja vista que muitos se conhecem, pelo nome, sabem da vida um dos outros, se ajudam, vivenciam muitas coisas em comum e se entendem.

### **Um tempo sob o comando do *tic-tac* do relógio**

A década de 1970 para Florianópolis, assim como para tantas outras cidades brasileiras, foi sinônimo de mudança, de modernização, esta não somente ligada a novas e grandiosas construções urbanísticas, mas também nos hábitos dos moradores. O cotidiano da capital de Santa Catarina passou por transformações expressivas. Novos moradores de outros

---

<sup>3</sup> Termo utilizado para denominar aqueles que nasceram em Florianópolis e diferenciar dos migram para esta, que são chamado então de “os de fora”.

estados, e até mesmo países, chegam para residir em Florianópolis carregando na bagagem outros traços culturais e experiências. Ressalta-se o que Lohn (2007) denominou de “aceleração de ritmos”, visto que, a cidade passa a obedecer ao *tic-tac* do relógio, o tempo torna-se mais rápido, o que potencializa o afastamento de muitas práticas cotidianas dos ilhéus

É possível pensar essa nova relação com o tempo com o que Pierre Nora (1993) apontou como “aceleração do tempo”, ou seja, a rapidez com que as coisas estão ocorrendo no mundo, tudo passa rápido demais. François Hartog (2013) diagnostica essa nova relação com o tempo como o *presentismo*, um presente estendido. Para tal conclusão o autor toma emprestadas as categorias de *campo de experiência* – um futuro projetado pelo presente – e *horizonte de expectativa* – experiências do passado no presente – de Reinhart Koselleck (2006). Segundo Hartog, há um significativo distanciamento entre essas categorias, o que acaba por acarretar em um medo do esquecimento, fazendo com que as pessoas recorram a memória para salvaguardar o passado.

Este regime de historicidade, o *presentismo*, seria, assim, o que se vive hoje, “O presente único: o da tirania do instante e da estagnação de um presente perpétuo” (HARTOG, 2013, p. 11). Associado a esse novo regime o medo do esquecimento ganha atenção, já que tudo passa tão rápido e as pessoas não conseguem abarcar tudo, logo a memória torna-se um instrumento *presentista*. Essa nova ordem do tempo apresentada por Hartog, é pensada para o lugar e o tempo em que este historiador vive. Contudo é possível estender para outros espaços do ocidente, alcançando até mesmo a cidade de Florianópolis, porém é fundamental compreender as especificidades de cada lugar e não apenas compartilhar das conclusões na qual Hartog (2013) obtém sobre o regime de historicidade predominante hoje.

A modernização em Florianópolis não é um processo isolado está integrado ao cenário nacional. O país, entre os anos de 1968 a 1973, vivia sob o regime ditatorial e experienciava o “milagre econômico”, momento em que a economia do país teve um crescimento acelerado, com médias acima de 10%, houve um aumento significativo de investimentos estrangeiros e um programa de investimento do Estado (SILVA, 201, p. 02), não sendo diferente no estado de Santa Catarina.

É possível então, notar que Florianópolis ao longo dos anos 70 e 80 deixa transparecer alguns sintomas de uma nova relação com o tempo. A capital de Santa Catarina passa a ganhar novos prédios, tanto residenciais como comerciais. O Governo do Estado também atua intensamente, construindo novas vias de acesso ao interior da ilha até mesmo uma nova ponte

de ligação continente ilha. Há ainda, entre os anos 1960 e 1970 a construção da Universidade Federal de Santa Catarina e a Eletrosul, ambas no bairro da Trindade. Muitas foram os profissionais de diferentes áreas que vieram para Florianópolis para trabalhar nestes dois estabelecimentos, trazendo também seus familiares e estilos de vida das grandes cidades.

De norte a sul, de leste a oeste da ilha houve ecos dessas transformações, em alguns locais mais rápidos, em outros mais lentos, como foi o caso do Pântano do Sul.

### **Falas escritas: para pensar a história do tempo presente**

Para compreender sobre a história do Tempo Presente é fundamental se reportar para o ano de 1978 na França, quando foi criado o Institut d’Histoire du Temps Présent, que tinha “o propósito explícito de configurar um novo campo disciplinar [...], mas também novo em relação à história do tempo presente praticada desde o fim da guerra” (FICO, 2012, p. 70), o fim da segunda guerra mundial foi um fator fundamental para os historiadores franceses que estavam se debruçando na criação deste campo.

Marieta Ferreira (2000, p. 11) evidencia alguns aspectos que tornam a história do tempo presente como um campo fértil, ainda mais quando articulado com a história oral:

a história do tempo presente pode permitir com mais facilidade a necessária articulação entre a descrição das determinações e das interdependências desconhecidas que tecem os laços sociais. Assim, a história do tempo presente constitui um lugar privilegiado para uma reflexão sobre as modalidades e os mecanismos de incorporação do social pelos indivíduos de uma mesma formação social. Do exposto, fica óbvia a contribuição da história oral para atingir esses objetivos.

Nota-se que a história oral fornece para o historiador do presente importante material de pesquisa. Desta forma, as entrevistas aqui estudadas ajudam a inserir o trabalho no âmbito da história do tempo presente.

No que tange aos vestígios orais e suas possíveis contribuições para uma pesquisa histórica, Arlette Farge constata:

É preciso compreender que esses traços de oralidade abrem para um deciframento possível das maneiras de pensar, de imaginar, de ver das pessoas do povo, ao mesmo tempo que as formas de sociabilidade e de comportamentos civis e políticos. O observatório social autorizado por essas falas, [...] dá uma visão do campo desconhecido das relações cotidianas entre

homens e mulheres, pais e filhos, dos papéis desempenhados por uns e outros em todas as circunstâncias. (FARGE, 2011, p.62)

Fica evidente a importância da fala – esta um documento como outro qualquer - para a construção da história. Para a historiadora o trabalho com esse tipo de documento ainda causa “surpresa e desordem no espírito do historiador” (FARGE, 2011, p. 63), mas é enriquecedor, pois aproxima o historiador do modo como as pessoas compreendem, ou não, sobre o que ocorre ao seu redor. Por tanto as entrevistas aqui estudadas são entendidas como um documento, ou seja, vão além de ilustrações de um discurso da história, elas são problematizadas como defendido por Farge.

Ao pesquisar sobre o do Pântano do Sul, em princípio poucos foram os materiais encontrados, mas a busca não terminou. Ao investigar mais sobre possíveis documentos que continham informações sobre o bairro, deparou-se com dez entrevistas transcritas de moradores do bairro datadas de 1985. Elas integram um trabalho realizado por alunos<sup>4</sup> do Curso de Pós-graduação em História, na disciplina de *Metodologia da Pesquisa Histórica I*, sob a Orientação do professor Carlos Humberto. Os materiais foram cedidos por um dos produtores da entrevista o historiador Arante José Monteiro Filho. Atualmente os originais encontram-se no Laboratório de História Oral da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), bem como as fitas com o áudio<sup>5</sup> para eventuais pesquisas. É possível pensar que essas entrevistas guardadas se constituem como um bem simbólico que contribui para compor o universo do bairro, que ajudam a decifrar alguns aspectos e da vivência de seus moradores.

Mas afinal, como trabalhar com entrevistas transcritas? E ainda, entrevistas produzidas por outras pessoas em outro tempo?

Tais questionamentos levaram a buscar a cultura escrita para compreender melhor algumas especificidades de uma transcrição e de que forma é possível realizar uma pesquisa histórica por meio destes materiais.

Antes de qualquer coisa é necessário pensar o suporte que se encontram essas transcrições. Papeis com uma escrita datilografada, mas ainda, cópias de outra cópia, o que já modifica a forma de “ler” este documento. Cada entrevista apresenta uma capa contendo

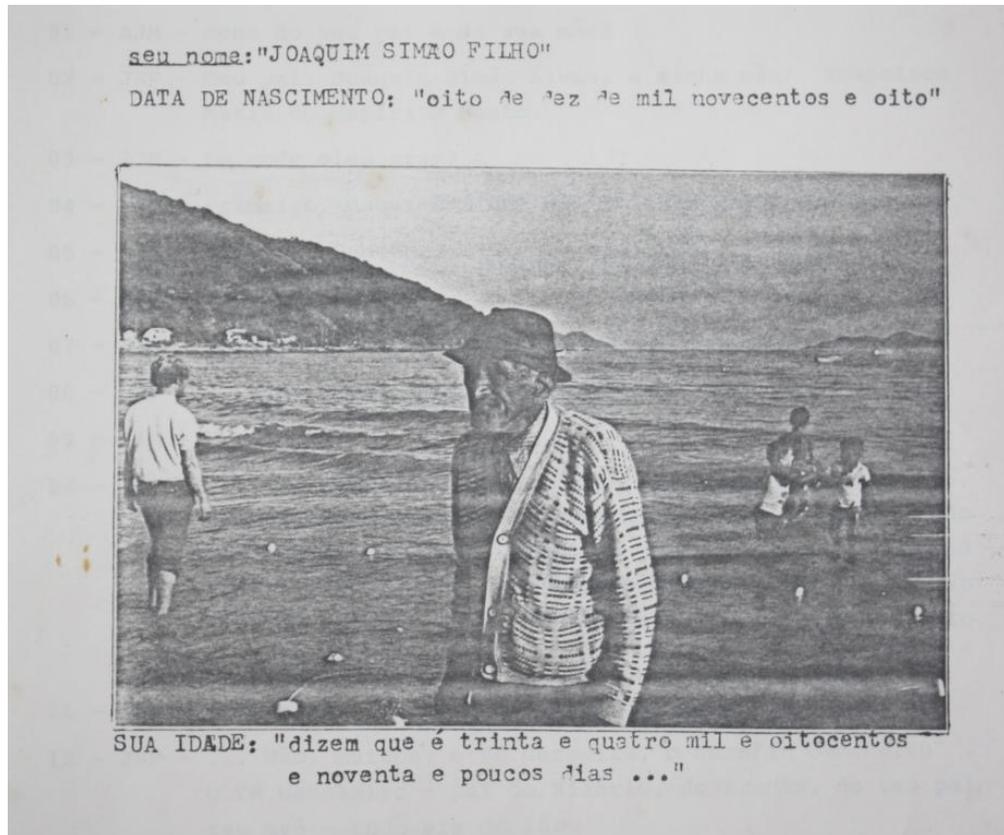
---

<sup>4</sup> Entrevistas realizadas pelos alunos do curso de História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC): Aínda Melo Schlichting, Manoel Deiro Caraméz, Arante José Monteiro Filho, Francisco do Vale Pereira, Regina Coeli Nunes Martins de Barros, Arthur Manoel Pires e Priscila Ribeiro.

<sup>5</sup> Ainda não se sabe o estado das fitas com as gravações em áudio das entrevistas.

informações sobre o entrevistado, o entrevistador e a instituição envolvida. Além disso, em algumas transcrições há fotos dos entrevistados.

Figura 1: Foto do entrevistado nas páginas de sua entrevista transcrita



Fonte: Acervo pessoal Arante José Monteiro Filho.

Essa foto se encontra no suporte de papel, enquanto que o áudio grava a voz e as atitudes do entrevistado, a transcrição permite outras inserções, tais como a fotografia daquele que empresta a sua voz e suas memórias. (aqui é 12)

É sabido que ao passar do oral para o papel muita coisa se perde, para Viñao Frago,

A partir de uma perspectiva histórico-antropológica, a questão das relações entre oralidade e escrita deve ser vista como um processo de ganhos e perdas, de trocas, transformações e efeitos que afectam ambos os modos de expressão e pensamento. (2001, p.08)

Não há em nenhum dos dois, o oral e o escrito, a perfeição, todos possuem suas falhas e abrem possibilidades de pesquisa. No caso das entrevistas transcritas aqui estudadas, não houve contato com o áudio, o contato se deu direto pelo escrito. Outro ponto é que elas foram realizadas por outras pessoas e em outro momento, ano de 1985. Tudo isso, de certa forma

resulta em perdas, mas não anula o estudo e a importância desse documento. O tom de voz, a respiração, a velocidade da voz, nada disso é captado nas entrevistas transcritas, mesmo com o esforço descritivo daquele que passa as falas para o papel. Há perdas e o pesquisador deve aceitar isso, ao mesmo tempo em que deve buscar as possibilidades que aquele escrito carrega. Por exemplo, a forma com que aquele que transcreveu optou por deixar a fala de forma literal, sem cortar vícios linguísticos e erros gramaticais, como no caso das transcrições aqui analisadas.

“Era mais difícil mas era **melhó** porque era tudo muito barato, agora **mô** filho tem muito ganho mas **ta** tudo muito caro. Quem que pode **guentá**.”  
(Maria Virginia/ junho de 1985)<sup>6</sup>

Agora **tá melhó**. De todos os casos, agora **tá** melhó. Que ai você tem **quarque** coisa num **estantinho** você vai a Florianópolis, trata o negócio em uma hora e já **vorta**. Né? Aí não tem problema [...]. sobre esse negócio de turista assim, fica aquela gente, fica aquela gente toda espalhada assim, **duma banda prá** outra. [...].uma fazendo uma coisa, outro... é... a gente não entende como são essa gente. Eu não entendo [...]. Vem pra cá como turista, fica aí abandonado, dormindo em cômodo de barraca, sei lá como for.  
(Romeu Manoel de Oliveira, junho de 1985)<sup>7</sup>

É possível notar que as transcrições acima apresentam a forma literal e induzem a pensar que os entrevistados são pessoas mais simples, com pouco estudo, uma forma de falar bastante associada com as pessoas do meio rural. Todas as dez transcrições foram produzidas desta forma. Ressalta-se que, as transcrições das pessoas mais idosas, apresentam constantemente palavras escritas na forma literal.

Não há entre os que trabalham com esse tipo de material um consenso quanto a maneira de transcrever, de passar o oral para o papel. Isso depende de cada um e de seus objetivos ao manusear transcrições. Entretanto, ao ler todas as entrevistas transcritas notou-se que escrever na forma literal, torna o texto mais cansativo e às vezes difícil.

Outro ponto importante no que diz respeito à utilização de entrevistas é a maneira de lidar com a memória de outrem, torna-se necessário ter em mente que este irá construir os acontecimentos, primeiramente, a partir de seu presente e ocultar alguns fatos e ressaltar outros. Os sentimentos tornam-se mais intensos e vão interferindo nas lembranças relatadas, não há mentiras, mas interferência do presente em que se vive. A memória, segundo Chartier

---

<sup>6</sup> Grifos da autora.

<sup>7</sup> Grifos da autora.

(2009), é governada pelas reivindicações existenciais dos grupos para os quais a presença do passado no presente é um elemento essencial na construção do seu coletivo.

### **Escrever para permanecer: algumas considerações**

É certo que estas dez transcrições estão carregadas de possibilidades de pesquisa, assim como tantas outras que se acham em acervos pessoais e institucionais. Não há como contestar sua riqueza para o historiador/pesquisador. Marcadas pela escrita datilografada, as entrevistas expõem histórias individuais, mas que somadas ajudam a delinear uma face daquele grupo. Tais entrevistas foram norteadoras para pensar novos trabalhos, haja vista que possibilitaram observar um ponto de convergência na fala dos homens e mulheres do bairro. Essa convergência pode ser entendida como uma identificação do grupo.

Michel de Certeau (1994) afirma que o texto só terá sentido graças a seus leitores. Ao ter em mãos os papéis já amarelados pelo tempo com letras datilografadas e também meio enfraquecidas foi atribuído um sentido ao ler tais transcrições: os moradores do Pântano do Sul têm um cotidiano permeado de religiosidade que também permite intuir esta como um forte aglutinador de sociabilidades. Nas falas de cada um este tema é uma constante.

Na mesma linha de Certeau, Cunha (1999, p 53) argumenta “a leitura é uma prática criadora e há sempre a irredutível liberdade”, logo a leitura dessas transcrições dá inúmeras ideias, dependendo do olhar daquele que realiza a leitura. Ressalta-se que as dez entrevistas apresentam inúmeros assuntos sobre o cotidiano do bairro e as experiências de cada entrevistado neste. Mas a leitura e o sentido que se atribuiu desses documentos se encaminhou para religiosidades e como esta se mistura no cotidiano do bairro, mas há liberdade para cada leitor alcançar outros caminhos.

Como bem salienta Cunha (2012, s/p) “A escrita registra, grava e conserva para as gerações futuras”, enquanto que as fitas detentora das vozes dos moradores do Pântano do Sul podem não mais funcionar, em razão da fragilidade do material, as escritas estão registradas, gravadas para pesquisas futuras.

Além desta relação entre transcrição e cultura escrita, é necessário sublinhar a importância que a história oral tem para o historiador do tempo presente. Vestígios orais quando utilizados podem potencializar muitos estudos no âmbito do tempo presente. Entretanto, como posto por Farge (2011), ainda causa certo incômodo para alguns historiadores a utilização deste tipo de material. Desta forma, acredita-se que aprofundar

estudos sobre esta metodologia, a história oral, trará muitas contribuições para a história. Há falhas como em qualquer outro documento, mas inúmeras possibilidades. Antes de tudo, o historiador precisa olhar para os vestígios orais do mesmo jeito que olha para outro documento. Se despir de preconceito e hierarquizações de seus documentos.

Este trabalho se finaliza com uma citação do autor Machado de Assis que permite trazer a luz essa mistura de religiosidade e cotidiano de um grupo que se observou ao longo de todas as falas escritas:

A fazenda tem capela, onde um padre dizia missa aos domingos e confessava pela quaresma. Também eu conheci esse costume em pequeno, e ainda me lembra que na, quaresma, eu e outros rapazes íamos esconder-nos do confessor embaixo das camas ou nos desvãos da casa. Já então confundíamos as práticas religiosas com as canseiras da vida e fugíamos delas. (ASSIS, Machado, 2013, p. 58)

## Referências

ASSIS, Machado. **Memorial de Aires**. – Edição Especial – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013. (Saraiva de Bolso).

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. RJ. Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CUNHA, Maria Teresa Santos. **Armadilhas da Sedução: os romances de M. Delly**. – Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

\_\_\_\_\_. **No estouro do flash: a Florianópolis de José Arthur Boiteux (1890 a 1930)**. In: CUNHA, Maria Teresa Santos; CHEREM, Rosângela Miranda (organizadoras). Florianópolis: UDESC, 2011.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Rastros de leitura: um estudo no acervo de livros do Museu da Escola Catarinense (décadas de 20 a 60 do século XX). **Educação**. Porto Alegre, v.35, n. 1, p. 18-27, jan./ abr. 2012a

FARGE, Arlette. **Lugares para a história**. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2011. (coleção História e Historiografia, 4)

FERREIRA, Marieta de Moraes. História do tempo presente: desafios. **Cultura Vozes**, Petrópolis, v.94, n° 3, p.111-124, maio/jun., 2000.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. História das culturas do escrito: Tendências e possibilidades de pesquisa. In: MARINHO, Marildes e CARVALHO, Gicinei Teodoro. **Cultura Escrita e Letramento**. Belo Horizonte: editora da UFMG, 2010. p.218-248.

GOMÉZ, Antonio Castillo. Educação e cultura escrita: a propósito dos cadernos e escritos escolares. **Educação**, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 66-72, jan./abr. 2012.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade**: presentismo e experiências do tempo. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

LOHN, Reinaldo Lindolfo. Limites da utopia: cidade e modernização no Brasil desenvolvimentista (Florianópolis, década de 1950). *Rev. Bras. Hist.* [online]. 2007, vol.27, n.53, pp. 297-322. ISSN 1806-9347. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbh/v27n53/a13v5327.pdf>> . Acesso em: 22/04/2013.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo, n.10, dez. 1993, p.7-28.

LUCENA, Célia Toledo. **Memórias de famílias migrantes**: imagens do lugar de origem. *Projeto História*, São Paulo, (17), nov. 1998.

SILVA, Michel Goulart da. Cultura política e discursos de modernização em Santa Catarina (1970-75). **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História** – ANPUH • São Paulo, julho 2011

VINÃO FRAGO, António. Por uma história da Cultura Escrita: Observações e Reflexões. **Caderno do Projecto museológico**, nº77. Santarém. Portugal. 2001.